

[2] “Os Mundos Imaginários”, Camille Flammarion, Livreiro-Editor B.L. Garnier, Rio de Janeiro, 1876, 594 pp., ver p. 7. O prefácio, de onde é reproduzida esta citação, foi escrito em 1865. O autor tinha 23 anos de idade quando o livro foi publicado.

000

Perguntas e Respostas sobre Teosofia Poderes Psíquicos, ‘Milagres’ e Ocultismo

Desde o berço da filosofia ocidental, a busca da sabedoria inclui um diálogo constante. Uma conversa franca sobre filosofia costuma mostrar novos ângulos de qualquer questão investigada. A sequência de perguntas e respostas estimula a mente a elaborar com independência o assunto abordado. Por isso veremos a seguir um diálogo recente no e-grupo Ser Atento, um espaço de estudo coletivo que existe em cooperação com o website www.filosofiaesoterica.com.

Pergunta:

Os dois primeiros objetivos do movimento teosófico são a formação de um núcleo da fraternidade universal e o estudo de filosofias e religiões orientais e ocidentais. O terceiro objetivo do movimento parece mais complexo. Ele menciona a “investigação das leis inexplicadas da Natureza e dos poderes psíquicos latentes no ser humano”. A que “poderes” se refere, exatamente, este objetivo?

Comentário:

Há vários enfoques possíveis sobre a expressão “poderes psíquicos latentes no homem”. Por exemplo, o pensamento correto e a emoção correta são ainda poderes amplamente latentes no homem. Os seres humanos em geral desperdiçam de modo lamentável as suas forças mentais e emocionais. Na verdade, o desenvolvimento destes poderes é hoje decisivo para que se possa construir uma nova civilização saudável e durável. Um terceiro poder latente, que decorre dos dois anteriores, é o poder de agir corretamente. Sua importância é suprema. Ele constitui a grande fonte de carma positivo para o futuro, tanto individual como coletivo, e tanto a curto como a longo prazo.

Outro enfoque da questão, igualmente válido, vê os “poderes latentes” como sendo telepatia e outras percepções e ações extra-sensoriais. Aqui, é essencial que se saiba que estes poderes “psíquicos” não podem ser buscados como metas em si mesmos, ou de modo artificial. Este tipo de ambição “espiritual” é grande fonte de ilusões e tem causado uma boa quantidade de desastres no movimento esotérico, levando milhares de pessoas – inclusive falsos iluminados e os seus seguidores – a bacos sem saída do ponto de vista cármico. No entanto, o tema pode fazer parte dos estudos do pesquisador que possuir bom senso.

Pergunta:

Por que um ocultista não acredita em milagres divinos?

Comentário:

Ele não acredita em ações feitas à margem das leis da natureza. O que se chama de “milagre” é apenas um fato natural que a ciência ainda não consegue explicar. Levitação é um exemplo. Seria um milagre? Os trens mais modernos que há em 2008, os Maglev, usam o princípio da levitação magnética, viajando a grandes velocidades sem tocar o chão. H. P. Blavatsky discutiu levitação, psicometria e outras formas de fenômenos pouco usuais na sua grande obra “Ísis Sem Véu”.

Pergunta:

Qual a ligação entre a Teosofia e o Ocultismo?

Comentário:

Em filosofia esotérica, as palavras só podem ser compreendidas com clareza levando-se em conta o contexto em que são usadas. Por isso, “teosofia” e “ocultismo” são termos que podem ser definidos de várias formas. É possível, porém, dizer que a teosofia é a mesma coisa que filosofia esotérica, e que o **ocultismo** (tal como H.P.Blavatsky usava a palavra no século 19) corresponde a um grau mais avançado, mais interior e mais prático do estudo de **teosofia**. Por exemplo, H.P.B. criou uma escola esotérica para aqueles que desejassem vivenciar de fato o estudo da teosofia. Em uma escola esotérica autêntica, estuda-se de modo vivencial a Ciência Oculta ou Ocultismo, isto é, a “ciência das coisas que, sendo essenciais, são invisíveis aos olhos”.

Alguns estudantes preferem atualmente não usar o termo “ocultismo”. A palavra tem sido grandemente distorcida desde o século vinte, e é preciso explicar toda vez que ocultismo é a ciência das coisas essenciais e não algum “escondismo”, alguma mania de ocultar coisas. Os verdadeiros Mestres de Sabedoria condenam o uso de “segredos espirituais” para fins de manipulação de poder [1], um fenômeno que infelizmente é fácil de encontrar em círculos pseudo-esotéricos. Bem pelo contrário, a meta do verdadeiro Ocultismo é compreender e compartilhar com outros o conhecimento divino, isto é, aquele conhecimento universal e não sectário que os olhos não podem ver, mas o coração pode perceber e viver.

NOTA:

[1] Veja, por exemplo, a reveladora “Carta de 1900”, na íntegra, na seção “Movimento Teosófico” do site www.filosofiaesoterica.com.

000

Jiddu Krishnamurti e a Sociedade de Adyar

Um Estudante de Teosofia

O pensador indiano P. Krishna é hoje considerado um dos principais líderes internacionais da Sociedade de Adyar. Sobrinho da sra. Radha Burnier – que preside desde 1980 aquela Sociedade – o sr. Krishna é um seguidor de J. Krishnamurti. Nisso, ele segue o exemplo da sra. Radha. Embora não faça muito tempo desde que ele se aproximou do movimento

teosófico, seu nome já foi mencionado por alguns como um possível presidente internacional da Sociedade de Adyar, no futuro.

Palestrante internacional, P. Krishna esteve no Brasil por pelo menos duas vezes. Numa delas, ele recomendou em conversa pessoal com teosofistas o fechamento da escola esotérica de Adyar, considerada por ele como irrelevante ou nociva. Esta posição de P. Krishna apenas repete a opinião de seu mestre, J. Krishnamurti, segundo está documentado na literatura publicada por Adyar. De fato, em outubro de 1928, obedecendo a uma recomendação expressa de Krishnamurti, a sra. Annie Besant suspendeu as atividades da Escola Esotérica de Adyar em todo o mundo. [1] Quando, algum tempo depois, Annie Besant decidiu reabrir a Escola, Krishnamurti deixou definitivamente a Sociedade de Adyar. [2]

É verdade que desde o início do século 20 a escola esotérica de Adyar pouco tem em comum com a escola esotérica criada por H. P. Blavatsky em Londres; exceto, em parte, o nome.

Toda a orientação desta escola obedece exclusivamente à pseudo-teosofia criada por Annie Besant e Charles Leadbeater. Até mesmo os supostos retratos de Mestres são, com uma ou duas exceções, imaginários. C. Jinaradajasa escreveu honestamente, em um texto reservado, que eles foram pintados conforme “detalhadas instruções pessoais” do sr. Charles W. Leadbeater. Como se sabe, Leadbeater foi um pseudo-clarividente a quem o líder indiano Mohandas Gandhi considerava, com razão, como um autor de fraudes. [3]

Qual era, então, a verdadeira opinião de J. Krishnamurti em relação aos “ensinamentos teosóficos” de Adyar? Em 1999, a revista da Sociedade de Adyar na Argentina, “Teosofia en Argentina”, publicou um artigo de P. Krishna que é bastante revelador. O texto narra um diálogo em que Krishnamurti faz uma avaliação sobre o significado real dos “ensinamentos” de Besant e Leadbeater. Deve-se levar em conta o fato de que Krishnamurti foi educado desde criança por estes dois líderes de Adyar, que o consideravam o “messias da nova era” e o apresentaram ao mundo como um Avatar, o “veículo do Senhor Cristo”.

Por algum motivo, Krishnamurti não admitiu haver tirado proveito da experiência. P. Krishna escreve:

“Certa vez um homem disse a Krishnamurti que ele tinha muita sorte de haver sido educado na Sociedade Teosófica por mestres como C. W. Leadbeater e a sra. Annie Besant, e ele respondeu: *‘Sim, fui muito afortunado por ter mestres como eles’*. Então o homem disse: *‘Nós não temos tanta sorte. Vamos a instituições de ensino normais e convencionais. Como podemos encontrar a verdade?’* E ele respondeu: *‘Senhor, eu tive sorte porque tudo o que me diziam entrava por um ouvido e saía pelo outro’*.” [4]

O tom irreverente é perceptível. Ainda que tardiamente, Jiddu Krishnamurti rompeu com a farsa pseudo-teosófica de Adyar. No entanto, ele não teve a sorte de estudar ou sequer de interessar-se pela filosofia esotérica autêntica, e perdeu, assim, a oportunidade de desenvolver uma abordagem abrangente e profunda do caminho espiritual.

Nesta primeira parte do século 21, o momento histórico é outro. O espírito da mudança ganha força crescente. Milhares de teosofistas ainda ligados à Sociedade de Adyar no Brasil e no mundo têm diante de si a possibilidade concreta de romper com as farsas “clarividentes”, mas isso não é tudo. Além de abandonar as fantasias ritualísticas semi-maçônicas e a pequena “igreja católica liberal”, eles podem redescobrir agora a verdadeira teosofia, que foi

fielmente preservada por outros setores do movimento teosófico. Ao fazer isso, eles receberão uma bênção de alcance insuspeitado: a bênção da liberdade.

NOTAS:

[1] “Vida e Morte de Krishnamurti”, Mary Lutyens, Ed. Teosófica, 1996, 296 pp., ver pp. 106-107.

[2] “Vida e Morte de Krishnamurti”, Mary Lutyens, obra citada, p. 121.

[3] Ver “The Collected Works of Mahatma Gandhi”, volume XI, Carta datada de 8 Maio 1911, conforme citado na obra “The Elder Brother”, uma biografia de Charles Leadbeater, de Gregory Tillett, Routledge & Kegan Paul, London, 1982, 338 pp., ver pp. 7 e 288.

[4] “Recuerdos de Krishnamurti”, P. Krishna, em “Teosofia en Argentina”, Rosario, Argentina, julio/septiembre 1999, pp. 13-20, ver especialmente pp. 17-18.

Breve Diálogo Sobre a Prática da Humildade

P: *Qual o valor da humildade no caminho teosófico?*

R: Ótima pergunta, e muito necessária. O papel da humildade na caminhada teosófica é central, e essa questão deve ser re-examinada com regularidade por todo aprendiz. Podemos dizer que o sentimento de devoção é o amor que o pequeno sente pelo grande. Por outro lado, a compaixão é o amor do grande pelo pequeno. Quando o pequeno eu inferior finalmente percebe que está na presença constante, ainda que silenciosa, da alma imortal e sagrada à qual ele na verdade pertence, então o eu inferior sente devoção. Isto é, ele tem o prazer de ser pequeno e aparentemente insignificante diante de tamanha imensidade.

Este sentimento pode ser chamado de “humildade natural”, ou saudável. É uma humildade que anda junto com auto-confiança, com coragem, com iniciativa e criatividade. É o amor leal do grão de areia da praia pelas águas profundas do oceano imenso.

[Do e-grupo **Ser Atento**]

00000000000000000000000000000000

O Desafio de Estudar Filosofia Esotérica

Como Uma Busca Perseverante Abre as Portas da Sabedoria

Quem tem a intenção de estudar teosofia deve estar armado de paciência e humildade, porque terá de conviver com o desconhecido. O conhecimento virá gradualmente, se o estudante tiver a modéstia necessária para trabalhar com incógnitas, e para deixar que as respostas surjam a seu devido tempo.

É importante que haja um método e um ritmo regulares de leitura meditativa. Para que a teosofia tenha efeito mais profundo sobre o caminhante e produza o efeito indispensável do auto-esquecimento, há um fator que é quase sempre indispensável: o estudo diário, calmo e tranquilo da filosofia esotérica, de preferência a uma hora estabelecida do dia, em que haja

sosego e pouca ou nenhuma chance de interrupção. Também é recomendável que o estudante tenha um caderno de anotações pessoais sobre o estudo.

Mesmo em obras aparentemente simples, como “A Chave Para a Teosofia” de H.P. Blavatsky e “O Oceano da Teosofia”, de W.Q. Judge, o buscador da verdade deve avançar devagar, com atenção total e refletindo bem sobre cada frase, porque os textos teosóficos falam a **todos** os seus níveis de consciência e não apenas à sua mente.

Os Sete Princípios

Em “A Chave” e “O Oceano” há ensinamentos da maior importância sobre os sete princípios de consciência do ser humano. O estudante é confrontado com termos como “linga-sharira”, “mônada”, “atma”, buddhi”, “kama”, “prana”, etc. É verdade que, pensando no grande público, William Judge tenta um enfoque mais simples em “O Oceano”, e raramente usa palavras sânscritas. Mas o tema é inevitavelmente complexo em si mesmo, e exige uma **atenção ampliada** que o estudante só desenvolverá através de um certo grau de auto-esquecimento.

Pensar em si mesmo é a principal fonte de dispersão mental. Esquecendo de si, o estudante concentra-se sem restrições em sua meta. Como consequência, a sua intuição começa a despertar.

O auto-esquecimento é a capacidade de não colocar seu próprio e pequeno “eu” como centro e medida de todas as coisas. Esquecer de si constitui um fator indispensável no aprendizado esotérico, e não ocorre porque alguém deseja conscientemente fazê-lo, mas surge de modo natural na consciência de quem percebe as verdades universais. Quem vê o universo esquece de si mesmo, mas isso não ocorre por um passe de mágica. O estudante que decide buscar a sabedoria e viver de acordo com ela percebe que há em sua existência uma luta diária e encarniçada entre egocentrismo e altruísmo. Ao refletir sobre essa luta dentro do território da sua própria consciência – uma guerra às vezes sutil e em outras ocasiões brutal – ele pode compreender na prática o ensinamento sobre os sete princípios da consciência.

É verdade que, dependendo do seu grau de maturidade interior, o estudante terá maior ou menor dificuldade ao enfrentar o teste da “ vaidade espiritual”. Para indivíduos de almas ingênuas – que apenas começam no caminho espiritual mas sabem utilizar alguns conceitos e idéias sobre a caminhada – é quase impossível admitir que, na verdade, ainda sabem pouco ou nada. Eles não querem esperar. Eles se iludem com as palavras e as recitam como se soubessem de fato muita coisa. Eles não se perguntam sobre a sabedoria. Têm pressa de viver o papel de quem já possui agora mesmo as respostas sobre a filosofia universal.

Nestes estágios iniciais da busca, quando o eu superior faz com que a vida de alguém comece a girar em grande parte em torno do caminho e do trabalho teosófico, o que acontece? O eu pequeno e inferior pensa que é o proprietário da espiritualidade e começa a posar para as fotos.

Quando o eu superior da pessoa é aplaudido e incentivado por alguém por haver feito algo bom e altruísta, lá está o eu inferior agradecendo o incentivo e o apoio, como se tivessem sido dados a ele. Neste estágio da caminhada, o eu inferior é como um macaco agitado, bêbado de palavras e atitudes exteriores, que faz de tudo para aparecer na foto, e aparecer bem! Quando a suave inspiração espiritual ocorre, lá está o eu inferior “modestamente”

apresentando-se como autor de tudo o que houver de bom naquela situação. Ele precisa demonstrar, ou fingir para si mesmo e para os outros, que é “o melhor” em cada situação. É incapaz de esquecer de si mesmo e leva tudo para o terreno pessoal. Apesar das aparências, a consciência crítica ou búdica – o sexto princípio – continua crucificada. E o estudante, buscando a felicidade, encontra a dor. Alimentando esperanças, encontra decepções. Buscando clareza, só consegue ficar confuso.

É mais tarde que vem a etapa do auto-esquecimento, quando a mente-macaco, exausta, sem rumo, aceita a paz interior e percebe que só tem a ganhar, se fizer uma pausa para ouvir a Voz do Silêncio. É aí que começa o aprendizado interior. Até este ponto, a caminhada era feita de verniz. Agora a alma tem prazer em reconhecer honestamente que sabe pouco ou nada, mas que possui o privilégio de poder participar, silenciosamente, de uma parte do Conhecimento Infinito.

A partir deste momento, a humildade deixa de ser um casaco novo e vistoso para vestir na frente dos outros. A sabedoria já não é mais uma fonte de orgulho pessoal nem uma arma para obter aplausos. O eu inferior tem agora seu maior prazer em ser leal e em ajudar ao eu superior, e sofre agudamente quando se percebe desleal.

O indivíduo começa a esquecer de si. Já não necessita referir-se o tempo todo a si mesmo e a “fulano e ciclano”, comparativamente, mas coloca a verdade profunda e o silêncio no centro dos seus pensamentos, das suas palavras, e das suas ações. Ele percebe a felicidade de ir além dos muros do eu-centrismo.

Perguntas Prévias ao Estudo

Para aprender filosofia esotérica, o cidadão deve estudar tanto com o coração como com a cabeça. Ao sentar para a leitura, é recomendável examinar as suas emoções e perguntar-se:

- 1) Estou conectado com o centro de paz no interior da minha consciência?
- 2) Há serenidade em meu coração?
- 3) Antes de ler a primeira frase, posso deixar de lado o meu mundo pessoal? Estou disposto a esquecer de mim neste momento?

Um minuto de meditação, antes de iniciar o estudo, será útil.

As questões levantadas acima fazem toda a diferença, porque a teosofia não é conceitual. A sabedoria não é feita de palavras. Ela apenas utiliza conceitos e palavras. Ela é feita de percepção direta e sem intermediação. As palavras são só instrumentos importantes, que devem ser usados com respeito, clareza e responsabilidade; e que, quando são bem usados, ajudam a alcançar a sabedoria.

Para perceber a verdade, é indispensável que o estudante resolva a sua equação pessoal e compreenda o movimento concreto da ignorância espiritual em sua vida diária. Uma equação matemática é um exercício de equilíbrio abstrato. Ao conhecer as incógnitas, o estudante atinge o equilíbrio. Quando resolve a equação da sua existência emocional e mental inferior, ele alcança a harmonia entre os pratos da balança cármica e pode esquecer de si mesmo. Assim ele passa a buscar a verdade pelo seu valor em si, e não pelo proveito egoísta que um ser espiritualmente ignorante espera tirar dela no plano pessoal.

Uma Bênção Interior

É então que começa a bênção; e a bênção cresce gradualmente. Ela desce como o orvalho da madrugada. Pouco a pouco, o estudante passa a entender de fato, por exemplo, os ensinamentos sobre os sete princípios da consciência. Enquanto medita sobre o tema, ele percebe algo da ressonância que cada um dos conceitos tem com os vários níveis do seu mundo interior. Sua mente e seu coração percebem os sete degraus da escada. E eles são, em contagem regressiva:

7) **Atma**, o Princípio Supremo;

6) **Buddhi**, a Inteligência Universal, Compaixão Universal, Inteligência Espiritual, Intuição Superior;

5) **Manas**, a mente, o princípio dual que ora está voltado para o mundo do espírito, ora para o mundo terrestre;

4) **Kama**, a sede dos sentimentos de desejo, apego, rejeição e busca de segurança, ou seja, o centro das emoções pessoais e dos instintos animais;

3) **Linga Sharira**, o conjunto dos arquétipos abstratos da vitalidade, e que inclui o patrimônio genético e os skandhas ou registros cármicos de vidas passadas, relativos ao prana;

2) **Prana**, a vitalidade em si; e

1) **Sthula-Sharira**, o corpo físico.

De que modo o foco central da consciência se transfere gradualmente dos níveis inferiores para a tríade superior – Atma, Buddhi e Manas? A transferência se acentua a partir do momento em que percebemos, com satisfação, que “existem verdades e fatos mais importantes para nós do que nós mesmos”. Esta gradual transferência não é homogênea, porém, e não ocorre por um caminho largo e asfaltado. Ela inclui um grande número de testes, desafios e *solavancos* cármicos.

Em alguns casos, o número de provações e dificuldades pode parecer absurdamente grande aos olhos do aprendiz em questão. Mas *não há outro caminho a seguir*: é assim que a teosofia e a filosofia deixam de ser “teorias bonitas” ou “jogos de palavras” e passam a ser um modo prático de viver.

00000000000000

Uma Idéia Para Meditar:

“Não julgue cada dia pela colheita que você fez, mas pelas sementes que você plantou”. [Robert Louis Stevenson, citado na revista “The Theosophical Movement”, Índia, novembro/2005, p. 31.]

000

Antologia de Argumentos Ilusórios (3)

“Os Livros Escritos por Helena Blavatsky São Demasiado Difíceis”

Em dezembro de 2007, “**O Teosofista**” iniciou a tarefa de elaborar um inventário dos argumentos ilusórios que circulam entre pessoas de boa vontade do chamado movimento esotérico, e que funcionam como desculpas para não enxergar a verdade ou para não trilhar o caminho mais íngreme e verdadeiro em direção à sabedoria. O terceiro argumento da série é o seguinte:

“O estilo literário difícil da sra. Blavatsky torna inviável, na prática, ler as suas obras diretamente. O leitor moderno não tem tempo para tanta complexidade e exige que tudo seja facilitado. Se os livros de Charles Leadbeater são uma fraude, muito bem. Então necessitamos outros autores, leais à verdade, que possam ensinar a Teosofia autêntica na linguagem atual. Poucos já leram, de fato, ‘A Doutrina Secreta’ e ‘Ísis Sem Véu’.”

A impressão é falsa. Foi na primeira metade do século vinte que os dirigentes de Adyar fabricaram o preconceito segundo o qual H.P.B. não poderia ser lida diretamente por ser “demasiado difícil”. A idéia servia como instrumento político para levar o público a ler apenas obras pseudo-teosóficas. Um dos motivos pelos quais interessava fazer com que a literatura de HPB e as Cartas dos Mestres caíssem no esquecimento era que assim o movimento podia ser controlado e transformado mais facilmente em um papado esotérico. Toda prática autoritária estimula a preguiça mental, e Adyar não foi uma exceção. “Pensar é perigoso”. Um segundo motivo, bastante constrangedor, é que os livros de HPB, a fundadora do movimento teosófico, ensinam exatamente **o oposto** do que a pseudo-teosofia afirma. A aparente dificuldade da teosofia autêntica foi o pretexto ideal para fazer com que não fossem lidos. Assim era postergado o momento em que a pseudo-teosofia seria finalmente desmascarada.

A verdade, assim como a justiça, tarda mas não falha. Desde a segunda metade do século vinte, os livros de H.P.B. vendem cada vez mais, e novas edições suas, em outros idiomas, não deixam de surgir a cada ano. Seus vastos escritos formam a maior parte da literatura teosófica atualmente à venda, enquanto os livros de Leadbeater, Annie Besant e outros autores mais recentes deixam pouco a pouco de ser reeditados. É a teosofia clássica que ocupa o lugar de destaque no mundo editorial do movimento esotérico.

Basta ler os artigos de HPB em www.filosofiaesoterica.com para constatar que ela escreve de modo claro, embora as idéias teosóficas exijam raciocínio para serem compreendidas. A filosofia esotérica não tem como seu público prioritário as vítimas incuráveis de preguiça mental, mas ela é compreensível para quem tiver real interesse, paciência e determinação. A teosofia fala para os hemisférios cerebrais esquerdo e direito do estudante; ela estimula a razão e a intuição. O seu estudo expande a consciência e abre novas trilhas. Por isso, ela desperta inicialmente perplexidade e cria até uma impressão de que não é possível compreendê-la. Diante do desafio inicialmente enigmático da esfinge da Sabedoria, o estudante não deve desanimar. “Busca e acharás”, diz o axioma. “Tenta”, repete um Mestre nas Cartas dos Mahatmas. A compreensão das verdades universais virá gradualmente para aquele que não desistir.

Uma boa porta de entrada para os escritos de H. P. Blavatsky são os textos dela já editados no website www.filosofiaesoterica.com. Mas o leitor não deve estudá-los online. É muito mais eficaz imprimi-los e organizá-los em uma pasta para estudo no papel. A leitura deve ser feita lentamente, sem interrupções, com consultas ao dicionário sempre que preciso. O estudante deve sublinhar, anotar e comentar às margens do texto. Terminada a primeira leitura, deve relê-lo. É recomendável discutir com amigos e consultar estudantes mais experientes sobre suas dúvidas de compreensão. Isso pode ser feito escrevendo para o e-mail deste boletim, lutbr@yahoo.com.br.

Entre os livros de H.P.B., um dos melhores, mais acessíveis e ao mesmo tempo mais profundos é “A Chave Para a Teosofia”. As pessoas com temperamento místico devem ler e reler “A Voz do Silêncio”. “Ísis Sem Véu” e “A Doutrina Secreta” são obras monumentais, que também se deve saborear sem qualquer pressa. Cada página de “Ísis Sem Véu”, lida com calma e atenção, tem valor em si. Um leitor terá motivo para ficar satisfeito se puder dizer a si mesmo: “Li dez páginas de ‘Ísis Sem Véu’.” O mesmo se aplica a “A Doutrina Secreta”. É sempre preferível, no entanto, ler H.P.B. em inglês, especialmente no caso de “A Doutrina Secreta”. A edição brasileira da Ed. Pensamento desta obra, a única disponível até o momento, deixa a desejar, embora seja aceitável na falta de alternativa.

O leitor deve levar em conta que a filosofia esotérica não pode ser percebida de uma só vez, através de alguma exposição linear e metódica. A filosofia esotérica não está nas palavras, embora as palavras sejam chaves úteis para o despertar da percepção filosófica. É obtendo um elemento de informação significativa em um parágrafo, e anotando-o, e observando sua relação com outro parágrafo que lhe chamara atenção anteriormente, que o leitor irá formando pouco a pouco uma compreensão autêntica da teosofia e do universo. É inútil, portanto, dizer que os livros de HPB são difíceis. Eles são, isso sim, indispensáveis. As mentes humanas se expandem durante o seu estudo. A literatura teosófica clássica foi criada como instrumento para a ampliação dos horizontes mentais e dos **limites do compreensível** por parte da nossa humanidade.

Tema Sempre Atual: O Que é a Verdade?

Pergunta: *O lema do movimento teosófico, adotado pelo site www.filosofiaesoterica.com, é “não há religião mais elevada que a verdade”. Os teosofistas falam muito em verdade. Cabe então perguntar: o que é a verdade, exatamente, do seu ponto de vista?*

Comentário: Excelente questão. Deveríamos ter abordado este tema há mais tempo. Pode-se dizer que “a verdade é a representação correta dos fatos”. Num primeiro nível, a verdade é a correspondência direta entre a visão e a realidade. É claro que as verdades parciais podem ser aparentemente contraditórias. Por isso a realidade deve ser examinada desde diversos pontos de vista ao mesmo tempo. Disso surge a importância da interdisciplinaridade e do estudo de diferentes religiões, ciências e filosofias, tanto orientais como ocidentais.

Quanto à verdade universal, ela é a expressão do amor universal em termos intelectuais, ao mesmo tempo que o amor é a expressão da verdade no plano do sentimento. Amor e verdade são dois nomes para a mesma realidade, que se desdobra em dois planos de consciência diferentes, mas inseparáveis. Do ponto de vista teosófico, são as duas faces de uma mesma moeda.

Há também uma verdade suprema, que não pode ser colocada no plano verbal. Como diz o “Tao Te King” de Lao-tzu em seu primeiro aforismo: “O Tao de que se pode falar não é o verdadeiro Tao.” E o texto reforça em seguida: “Todo nome que pode ser proferido não é o Nome eterno.” A teosofia ensina o mesmo princípio: a realidade suprema está além de toda descrição verbal e só pode ser percebida em silêncio.

É Válido Apontar Os Erros do Movimento?

Uma e outra vez, devemos examinar até que ponto o espírito crítico é um instrumento válido da caminhada espiritual, e a partir de que momento, exatamente, ele deixa de ser eficaz.

Na Declaração da Loja Unida de Teosofistas, podemos ler: “O programa de ação dessa Loja consiste em devoção independente à causa da Teosofia, sem vinculação oficial a nenhuma organização teosófica. Ela é leal aos grandes fundadores do movimento teosófico, mas não se ocupa com desavenças ou diferenças de opiniões individuais.”

A Declaração da Loja Unida – veja mais adiante o seu texto completo – também afirma que a “base inatacável para a união entre os teosofistas, independentemente de como e onde eles se situem, está na similaridade da meta, do propósito e do ensinamento”. E isto implica um livre debate sobre qual é a meta e qual é o ensinamento, de modo eliminar as ilusões que se acumulam inevitavelmente em torno de todo ensinamento sagrado. Helena Blavatsky deu o exemplo deste bom combate. Ela escreveu:

“Disposta a sacrificar a minha vida a qualquer momento pela TEOSOFIA – aquela grande causa da Fraternidade Universal pela qual vivemos e respiramos –, e pronta se necessário para proteger qualquer teosofista com o meu próprio corpo, eu denuncio, no entanto, de modo igualmente aberto e virulento, a distorção das linhas originais sobre as quais a Sociedade Teosófica foi construída inicialmente, e o gradual afrouxamento e corrosão do sistema original pelos raciocínios falsos de muitos dos seus mais altos dirigentes”. [1]

É inútil, pois, perder tempo com desavenças individuais. O importante é demonstrar impessoalmente, sempre que necessário, o abandono e a distorção da filosofia esotérica e da concepção original do movimento teosófico, e também os efeitos práticos desastrosos de tal abandono. Vendo que a Sociedade que ela fundara começava a cair em mãos de gente mais amiga do poder mundano que da sabedoria eterna, Blavatsky prosseguiu:

“Nós temos um carma pela nossa falta de humildade durante os dias iniciais da Sociedade Teosófica, porque o nosso aforismo favorito – ‘vejam como os cristãos amam uns aos outros’ – tem agora que ser parafraseado a cada dia e quase a cada hora desta forma: ‘vejam como os nossos teosofistas amam uns aos outros’. E nós trememos diante da idéia de que, a menos que muitos dos nossos modos e costumes na Sociedade Teosófica em geral sejam mudados ou abandonados, um dia LÚCIFER [2] terá que denunciar muitas manchas em nosso próprio brasão – isto é, a adoração do eu inferior, a falta de solidariedade, o sacrifício de outros teosofistas em função da vaidade pessoal – e denunciar tais manchas mais ‘ardentemente’ do que a revista jamais denunciou as várias fraudes e os abusos de poder em Igrejas estatais e na sociedade moderna.” [3]

A grande questão, pois, é a seguinte: se os estudantes de teosofia compreenderem o que é verdadeiro e o que é mentiroso no movimento, mas não apontarem os erros a serem evitados pelas novas gerações, quem o fará? Ou será que devemos deixar o movimento escorregar para o triste campo da mentira e da fraude organizadas – em nome da piedade e da “fraternidade”?

Todo conhecimento implica uma responsabilidade. O peso da responsabilidade está na razão direta da importância do conhecimento. Os estudantes que foram bem informados a respeito do que é **joio** e o que é **trigo** devem fazer a sua opção. Alguns deles poderão preferir os velhos apegos e escolher o joio. Mas outros, estando prontos para o caminho estreito e íngreme da verdade, optarão pelo trigo.

NOTAS:

[1] “Is Denunciation a Duty?”, em “Theosophical Articles”, H. P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, 1981, edição em três volumes, ver volume I, p. 201.

[2] “Lúcifer” era o nome do planeta Vênus no mundo antigo. O termo significa “o portador da Luz”, e Vênus é a “estrela d’alva” e a “estrela vespertina”. A palavra foi distorcida pela teologia autoritária do Vaticano medieval, que torturava até a morte e queimava em praça pública todo cristão que ousasse pensar por si mesmo.

[3] “Is Denunciation a Duty?”, mesmo volume e página que os indicados na nota [1].

0000000000000000000000000000000000

Declaração da Loja Unida de Teosofistas

O programa de ação dessa Loja consiste em devoção independente à causa da Teosofia, sem vinculação oficial a nenhuma organização teosófica. Ela é leal aos grandes fundadores do movimento teosófico, mas não se ocupa com desavenças ou diferenças de opiniões individuais.

O trabalho a que ela se dedica e a meta que ela mantém em vista são demasiado importantes e demasiado elevados para que haja tempo ou disposição para participar de questões laterais. O trabalho e a meta são a disseminação dos princípios fundamentais da filosofia teosófica, e a exemplificação prática desses princípios através de uma compreensão do EU SUPERIOR; uma convicção mais profunda da Fraternidade Universal.

Essa Loja considera que a *base* inatacável para a *união* entre os teosofistas, independentemente de como e onde eles se situem, está na “*similaridade da meta, do propósito e do ensinamento*”, e portanto não possui nem Estatuto, nem Regimento Interno, nem Dirigentes. O único laço entre os seus associados é a *base* mencionada acima. Essa Loja tem por objetivo disseminar essa idéia entre os teosofistas, promovendo a Unidade.

Ela vê como teosofistas todos os que estão engajados no verdadeiro serviço pela Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, situação pessoal ou organização; e –

Ela dá as boas vindas como associados a todos aqueles que estão de acordo com os seus propósitos declarados e desejam preparar-se, através do estudo e de outros modos, para serem mais capazes de ajudar e ensinar outras pessoas.

“O verdadeiro teosofista não pertence a nenhum culto ou seita, e no entanto pertence a todos eles”.

Estando em simpatia com os propósitos dessa Loja, tal como estabelecidos nessa Declaração, eu registro por esse meio o meu desejo de ser inscrito como um associado; ficando entendido que tal associação não estabelece nenhuma obrigação da minha parte, exceto aquela que eu próprio determine.

00000000000000000000000000000000

A Vida Una Está Presente em Cada Pedra

“Considere a árvore genealógica da raça humana e outras de Darwin, mantendo sempre em mente o velho e sábio axioma ‘como embaixo, assim é em cima’ – isto é, o sistema universal de correspondência – e tente compreender por analogia. (...) Nesse dia, nesta Terra atual, em cada mineral, etc., há um tal espírito. Direi mais. Cada grão de areia, cada pedra arredondada ou rochedo de granito é aquele espírito cristalizado ou petrificado.”

[“Cartas dos Mahatmas Para A. P. Sinnett”, Ed. Teosófica, Brasília, Carta 67, vol. I, p. 288.]

Razões Para Evitar Preocupação Pessoal

“Nunca há qualquer necessidade de preocupar-se. A boa lei cuida de todas as coisas, e tudo o que devemos fazer é o nosso dever tal como ele surge um dia após o outro. Não se consegue nada com preocupações sobre problemas e sobre pessoas que não correspondem. Em primeiro lugar, você não altera pessoas. Em segundo lugar, ficando ansioso, você coloca um obstáculo oculto no caminho que pretende percorrer.” [William Q. Judge em “Letters That Have Helped Me”, Theosophy Company, Los Angeles, 1946, 300 pp., ver p. 125]

Há Uma Presença Divina Junto a Nós? Oportunidade Única Para Quem Tem Olhos Para Ver

Em algum momento das primeiras semanas de 2008 surgiu no e-grupo Ser Atento a seguinte questão: “Como se pode lidar com a sombra?”.

Sem dúvida, a sombra e o erro parecem ficar mais fortes a partir do momento em que um estudante decide firmemente buscar a Luz. A razão disso é que a luz ilumina tudo, inclusive o acerto e o erro. Em relação a este paradoxo, a filosofia esotérica ensina:

“Quando vires a luz, surgirá a sombra. Mantém o foco do teu ser na luz, e a sombra será transmutada em lições práticas e em novas formas de luz”.

Esta é a grande arma do estudante. A contemplação do mundo espiritual permite a inofensividade e a liberdade em relação à dupla infeliz chamada medo/raiva. E também abre espaço para a felicidade, a plenitude, a humildade e a paz. A solução está em manter o foco fundamental no que é bom, e, secundariamente, olhar os defeitos e erros – com a firme

intenção de corrigi-los. Tudo depende da intenção. Queremos realmente o bem? Que possamos, então, buscar em todas as ocasiões o que é bom, o belo, o justo e o verdadeiro.

Na verdade, o foco mental firme e elevado nos leva a perceber que, saibamos ou não saibamos, estamos o tempo todo ao lado de uma presença divina. Esta presença sagrada é, essencialmente, Atma-Buddhi, a Lei Universal, o Mestre interno, a alma imortal, o eu superior.

Dormindo ou acordados, atentos ou desatentos, em paz ou angustiados, os seres humanos estão sempre diante, ou ao lado, desta presença divina multidimensional. Não há um nome ou termo adequado para mencioná-la. A chamada “prática da presença divina” consiste na lembrança constante de que, como seres humanos, estamos 24 horas por dia na presença da Lei eterna e da Inteligência infinita. Esta idéia é pitagórica e foi absorvida – mais recentemente – pela tradição mística cristã.

É verdade que freqüentemente as pessoas esquecem desta presença divina. Quando isso ocorre, a presença sagrada continua ativa na aura do indivíduo e “fotografa” o tempo todo os fatos, agradáveis ou desagradáveis. Tudo é registrado pelo carma para o débito e o crédito futuros, como escreveu um Mestre.

Alguns estudantes lutam conscientemente por manter a lembrança constante do seu caráter essencialmente divino, que está secundariamente sujeito a erros e ilusões. Elas lembram durante algum tempo da presença divina e depois esquecem; e então relembram; e assim vão lutando. A cada erro, aprendem mais. Aos poucos, passam a receber cada vitória com humildade e cada derrota com auto-confiança. Então, os altos e baixos da “maré cármica” deixam de atingir estes caminhantes.

Algumas vidas depois do início nítido e definido da busca espiritual, nasce no Coração e na Mente do caminhante a percepção constante (“instintiva”) da presença divina. Então ocorre o amanhecer.

Durante uma conversa informal na década de 1990, um teosofista holandês falou sobre a existência de um “*homing instinct*”, um “instinto de volta para casa”, na alma humana. Mas o que significa a palavra “casa” nesta frase? “Casa” é a Alma Imortal. É da Alma Imortal que sai o raio de luz que dá origem a cada nova encarnação; e é para a Alma Imortal que volta “instintivamente” a alma mortal, após cada morte física.

Em alguns casos, no entanto, essa “volta para casa” ocorre em vida e enquanto o estudante dispõe de boa saúde física, através da descoberta da sabedoria divina no seu coração e na sua mente. Ao mesmo tempo em que ocorre esta descoberta, a mente se coloca “instintivamente” a serviço do Coração, que representa microcosmicamente o Sol.

De fato, para a filosofia esotérica – como para a astrologia – o coração corresponde ao sol. Porém a mente que se une ao coração passa a ser, também ela, uma contrapartida microcômica do sol. A auréola dourada em torno da cabeça dos antigos Iniciados Orientais, adotada mais recentemente pelos pintores de santos ocidentais, simboliza este fato, conforme assinala um Mestre nas Cartas dos Mahatmas.

Como evitar o perigo da sombra gerada pela luz do sol microcômico, uma pequena vela? É verdade que uma luz isolada deve enfrentar desafios. O problema é superado mais facilmente pela ajuda mútua e a solidariedade entre os peregrinos. Uma vela pode gerar uma sombra se

não estiver bem colocada; mas quando temos várias velas acesas, todo o ambiente fica iluminado e não há sombras significativas. Assim, vale a pena juntar as luzes de diferentes pessoas confiáveis entre si e manter o foco na fonte universal da luz da sabedoria.

Seguramente, não há necessidade de alimentar medos supersticiosos em relação à sombra. A sombra é apenas a lição ainda não aprendida. A sombra é a madrugada que promete o amanhecer. A sombra é também a intuição espiritual. A sombra é a véspera da luz. Tudo é luz no universo, seja manifestada ou potencial. A “noite escura da alma”, sobre a qual S. João da Cruz escreveu, é a base da madrugada da iluminação espiritual.

Uma lâmpada bem colocada na sala ilumina o conjunto e mesmo as sombras serão relativas: não haverá escuridão total. É verdade que se alguém pretendia fazer algo desonesto na sala poderá sentir-se incomodado pela lâmpada: mas quando a luz vem direto do sol, o nascer do dia é inevitável.

O Potencial da Perspectiva Independente

Neste momento da história do movimento teosófico, quando surge lentamente no Brasil a alternativa da teosofia autêntica, estudada com independência, parece adequado ler e reler, de modo meditativo, estas palavras de um Mahatma:

“Mas *olhe para o futuro*: cuide para que o contínuo cumprimento do dever, sob a orientação de uma intuição bem desenvolvida, possa manter sempre o equilíbrio. Ah! Se seus olhos estivessem abertos, vocês poderiam ter tamanha visão das bênçãos potenciais para *vocês mesmos* e para a humanidade, que repousam no germe do esforço de agora, que teriam suas almas incendiadas pela alegria e pelo entusiasmo! Esforcem-se em direção à Luz, todos vocês, bravos guerreiros da Verdade, mas não deixem que o egoísmo penetre em seu meio, pois só o altruísmo abre todas as portas e janelas do Tabernáculo [*templo*] interior, e as conserva abertas. (...) A Senda nunca é fechada, mas a dificuldade de achá-la e trilhá-la é proporcional aos erros anteriores de alguém.” [1]

No caso brasileiro, o erro não é apenas individual. A dificuldade passa também pela inexistência, até o momento, de qualquer organismo independente e devotado apenas ao estudo e à vivência da filosofia esotérica autêntica.

NOTA:

[1] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, editadas por C. Jinarajadasa, Editora Teosófica, Brasília, Carta 20, primeira série, p. 66.

O Ponto de Vista de Helena Blavatsky A Crítica Direta Como Prática da Compaixão

É sempre oportuno romper com a ilusão de que amigos sinceros não devem criticar uns aos outros.

A derrota de um movimento esotérico é inevitável quando predomina a impressão de que, no caminho espiritual, todos devemos fingir que nossas agravações são infalíveis.

H. P. Blavatsky deu uma má notícia aos que se deixam levar pela hipocrisia, ao escrever, em um texto que só foi publicado após sua morte:

